

SENTENÇAS EXISTENCIAIS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DE PERNAMBUCO

Maria Eduarda Genuino de Albertin¹

Marcelo Amorim Sibaldo²

RESUMO: No Português Brasileiro, podemos notar que “ser” se apresenta enquanto um verbo cópula. Entretanto, Mattos e Silva (1996) aponta que, no Português Arcaico, esse mesmo verbo concorria com “haver” em sentenças de cunho existencial. Assim, Avelar (2004) pontua que há muitas semelhanças sintáticas entre esses dois tipos de estrutura. Nessa perspectiva, esse trabalho se propõe a descrever as sentenças existenciais com o “ser”, observando a mudança e a substituição desse verbo em contextos existenciais por “haver” e “ter” no Português Brasileiro atual. Para tanto, analisamos, quantitativamente, documentos manuscritos do século XVIII ao XX, do estado de Pernambuco. Verificamos, a partir do *corpus*, a não aparição de “ser” em estruturas de caráter existencial, o que nos levou a concluir que, nesse intervalo de tempo da história do português, esse verbo já havia sido substituído por “haver”.

Palavras-chave: Português; Sentenças Existenciais; Sintaxe.

EXISTENTIAL SENTENCES IN THE HISTORY OF THE PORTUGUESE FROM PERNAMBUCO

ABSTRACT: In Brazilian Portuguese, we can notice that “ser” is presented as a copula verb. However, according to Mattos e Silva (1996), in Old Portuguese, this verb competed to “haver” in sentences of an existential nature. Thus, Avelar (2004) points out that there are many syntactic similarities between these two types of structure. In this perspective, this paper aims to describe the existential sentences with “ser”, observing the change and the substitution of this verb in existential contexts to “haver” and “ter” in current Brazilian Portuguese. For that, we analyzed quantitatively manuscript documents from the Century XVIII to Century XX from the state of Pernambuco. We verified, from the corpus, the nonappearance of “ser” in existential structures, which lead us to conclude that in that time in the history of Portuguese this verb had already been replaced by “haver”.

Keywords: Portuguese; Existencial Sentences; Syntax.

Introdução

Sabe-se que o grupo de verbos que selecionam apenas um argumento não constitui um grupo com as mesmas características, ou seja, não constitui um grupo homogêneo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras UFPE, Brasil. **E-mail:** eduarda.albertinn@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2357-0319>.

² Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. **E-mail:** marcelo.sibaldo@ufpe.br. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2119-8899>.

Tradicionalmente, estudos classificam esses verbos como inergativos e inacusativos. Entre outras características, uma diferença entre eles está no papel temático do argumento selecionado: enquanto um recebe papel temático de Agente, o outro recebe o de Tema, respectivamente. Sabendo disso, o presente trabalho busca estudar apenas a classe dos inacusativos,³ que não seleciona sujeito, mas um argumento interno (Tema), mais especificamente, preocupamo-nos aqui com uma classe de verbos conhecida como “verbo existencial”. Mattos e Silva (1996, p. 196) define verbo existencial como

[...] o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial.

A partir da definição acima, podemos ver abaixo exemplos desses tipos de verbo no português brasileiro (doravante PB):

- (1) a. *Há* um celular no sofá.
 b. *Tem* um celular no sofá.
 c. *Existe* um celular no sofá.

Como podemos ver, todas as estruturas em (1) são sentenças impessoais, ou seja, não têm um sujeito referencial, e possuem uma denotação existencial. Ainda de acordo com (1), vemos que, no PB, pelo menos três verbos são possíveis de denotar existência, a saber, “haver”, “ter” e “existir”.

Entretanto, o verbo “ser”, que costuma se apresentar, no PB atual, como cópula e auxiliar, no Português Arcaico (PA), era muito comum seu uso enquanto verbo existencial (cf. (2)).⁴ Em Mattos e Silva (1997), essa questão é corroborada quando se observa, em documentos do PA, a aparição de “ser” com sentido de “existir”, “ocorrer” ou “acontecer”, todos com acepção de existência. Para a autora, esse fenômeno se daria em razão da superioridade de “ser” em estruturas existenciais e copulativas, superando, inclusive, “haver” e “estar”.

³ Na verdade, dentro dos inacusativos, existem outras subdivisões das quais não trataremos aqui. Discutiremos somente os verbos existenciais.

⁴ Ver alguns contextos específicos para o *ser* existencial no PB atual em Gonçalves (2014).

(2) a. non *foi* quem podesse... ('existir')

b. e *foi* assi que depois a Inglaterra ('acontecer')

(cf. MATTOS E SILVA, 1997, p. 262, grifos da autora)

No entanto, o verbo “haver”, no PA, já mostrava concorrência com o “ser” em sentenças que expressavam existência. Gonçalves (2014) afirma que, possivelmente, a superioridade de “ser” se dava por este ser uma variação de “esse”, verbo de prestígio social com origem no latim clássico. “Haver”, por sua vez, estaria documentado no latim vulgar, menos prestigiado. Assim, Mattos e Silva (1997), ao analisar documentos escritos do PA, constata a aparição de “ser” e de “haver” em 25 e 20 construções existenciais, respectivamente. Isso mostra o quanto os dois verbos já concorriam entre si no século XIII (cf. (3)).

(3) a. seen empeço d'ome que *seja*.

b. *En hua abadia* huu tesoureiro *avia*.

(cf. MATTOS E SILVA, 1997, p. 262, grifos da autora)

É importante percebermos que as “disputas” entre os verbos existenciais tem se ampliado com a introdução do “ter” nesses contextos e, como sabemos, ainda hoje, há essa variação observada em (1) acima. Sabemos que os verbos exibidos em (1) podem co-ocorrer em contextos existenciais, porém, conforme Sibaldo e Correia (2014, p. 4) observam, “[...] “haver” concorre com “ter” nas estruturas existenciais, havendo um uso elevado de “ter” na língua oral e o verbo “haver” como existencial tendendo a ocorrer mais vezes na língua escrita [...]”. O “haver” seria, portanto, uma variação pela qual os falantes optam em contextos mais formais, enquanto o “ter” seria usado em situações informais.

Apesar de podermos percebermos essa variação entre os usos de verbos existenciais hodiernamente e de haver estudos (AVELAR; CALLOU, 2000, VITÓRIO, 2013, entre outros) que a corroboram, estudos diacrônicos acerca desses verbos, no nosso entender, ainda estão escassos. Mais especificamente, estudos que contemplem dados diacrônicos do português encontrados em Pernambuco são ainda mais raros. Assim, como forma de sanar essa lacuna, objetivamos descrever as sentenças existenciais com os verbos “ser”, “haver”, “ter” e “existir”

na história do PB escrito em Pernambuco. Para isso, usaremos como *corpus*, documentos manuscritos e impressos dos séculos XVIII ao XX, do Projeto “Para a História do Português Brasileiro (PHPB)”,⁵ da equipe regional de Pernambuco, buscando exaurir todas as ocorrências de todas as sentenças existenciais com aqueles verbos nesses documentos. Assim, a metodologia laboviana em relação à quantificação do uso dos dados foi necessária e, para explicação da derivação das sentenças existenciais, usamos a Gramática Gerativa, no seu modelo de Princípios & Parâmetros (CHOMSKY, 1986).

Por isso, apesar de levarmos em consideração a quantificação dessas sentenças, por se tratar de um fenômeno muito específico e pouco usual tanto na língua falada, quanto na escrita, a contribuição deste artigo se dá na análise de *corpora* ainda não descritos com este fenômeno e na discussão teórica que pode ser feita a partir da discussão desses dados, pois, como se verá, apesar do árduo trabalho de seleção de dados, poucos foram os dados encontrados nos documentos da pesquisa.

Buscando descrever os contextos sintáticos para o uso das sentenças existenciais que ocorreram no PB em Pernambuco, o presente artigo está dividido da seguinte forma: nas seções 1 e 2, faremos uma breve discussão acerca da variação entre os verbos *ter*, *ser* e *haver* existenciais; na seção 3, discutiremos sobre como se deu a coleta e seleção dos dados para compor nosso *corpus*; na seção 4, apresentaremos os resultados encontrados nos documentos e discutiremos como os verbos existenciais foram usados na história do português de Pernambuco, a partir de nossos dados; por fim, traremos uma retomada dos principais achados deste artigo.

1. Sobre *ter* e *ser*

No PA, Mattos e Silva (1997) descreve algumas construções em que o verbo “ser” expressa existência (cf. (2)). Embora o uso dessa cópula fosse superior ao uso de outros verbos com essa acepção – como o “haver”, em sentenças existenciais, e o “estar”, em sentenças locativas, no PB atual, no entanto, observa-se a predominância do “ter” para os falantes (como em (4)). Este verbo, segundo Sibaldo e Correia (2014), a partir de vários estudos já realizados

⁵ Os *corpora* do projeto PHPB estão reunidos no site do projeto que podem ser acessados em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>.

entre língua falada e escrita e entre contextos formais e informais (AVELAR; CALLOU, 2000, VITÓRIO, 2013, entre outros), é o mais utilizado na fala. Vejamos alguns exemplos em (4):

- (4) a. *Tinha* uma criança perdida na loja.
 b. *Tem* muita gente do lado de fora da casa.
 c. *Tem* dez pessoas na fila do banco.

No tocante à relação desses dois verbos, “ter” e “ser”, Avelar (2004) compara seus comportamentos em sentenças copulares e existenciais, observando que estas podem reportar, aparentemente, o mesmo significado, o que ele chama de “paralelismo temático”, como nos conjuntos de dados em (5) e (6). O autor observa que os constituintes na posição de sujeito de *ser* tendem à interpretação específica, como se vê em (7a) e (8a). Não obstante essa possibilidade, o complemento de existenciais, nesse caso, com “ter”, contrariamente, rejeita DPs específicos e definidos, conforme podemos ver em (7b) e (8b), os quais, como dito acima, são aceitos como sujeito da copulativa com *ser*.

- (5) a. **Tem** várias pessoas a favor desse discurso.
 b. Várias pessoas **são** a favor desse discurso.
- (6) a. **Tem** muitos políticos corruptos.
 b. Muitos políticos **são** corruptos.
- (7) a. As atividades do professor **são** muito fáceis.
 b. ***Tem** as atividades do professor muito fáceis.
- (8) a. A professora **é** contra a escola sem partido.
 b. ***Tem** a professora contra a escola sem partido.

Pode-se perceber, então, que as construções em (7b) e (8b) exibem aquilo que se convencionou chamar de “Efeito de Definitude”, isto é, “uma propriedade da posição objeto de uma certa classe de verbos [inacusativos], cujas propriedades casuais obrigam o sintagma

nominal que permanece dentro do sintagma verbal a ser indefinido” (cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996, p. 99). Observe que, se colocarmos um objeto indefinido, a sentença se torna gramatical (cf. *Tem atividades do professor que são muito fáceis*). Então, a sentença deixa de ser agramatical, pois a sua interpretação é indefinida, dado que uma interpretação possível para a estrutura acima seria de que algumas atividades que o professor passa podem ser mais fáceis do que outras que o mesmo profissional aplica.

Ainda, Avelar (2004, p. 42) explica que, “[p]ara reforçar o contraste, podemos verificar que constituintes com quantificadores existenciais na posição de sujeito de *ser* devem receber uma interpretação partitiva [...]”, enquanto que esses mesmos constituintes, como complementos da existencial, diferem quanto à sua interpretação. Para ilustrar, vejamos os dados abaixo:

- (9) a. **Tem** dois biscoitos no prato para Pedro.
 b. Dois biscoitos no prato **são** para Pedro.

Em (9a), podemos pressupor que os dois biscoitos no prato são para a alimentação de Pedro; (9b), por seu turno, implica que, mesmo havendo mais biscoitos no prato, apenas dois pertencem a Pedro.⁶

2 Sobre *ser* e *haver*

No tangente a “ser” e a “haver”, em especial, Mattos e Silva (1997), em sua análise de documentos escritos do PA, do século XIII, nota a relação que esses verbos estabeleciam nas sentenças existenciais, de modo que o primeiro predominava em 56% das ocorrências nas sentenças observadas – o que a autora domina de “uso conservador”, tendo em vista esse fenômeno ser característico do PA. Gonçalves (2014) destaca que um a hegemonia de “ser” se deu, entre outros fatores, em razão do prestígio que este verbo possuía, visto que, como já mencionado, variava de *esse*, verbo que teve sua origem no latim clássico e, portanto, de maior

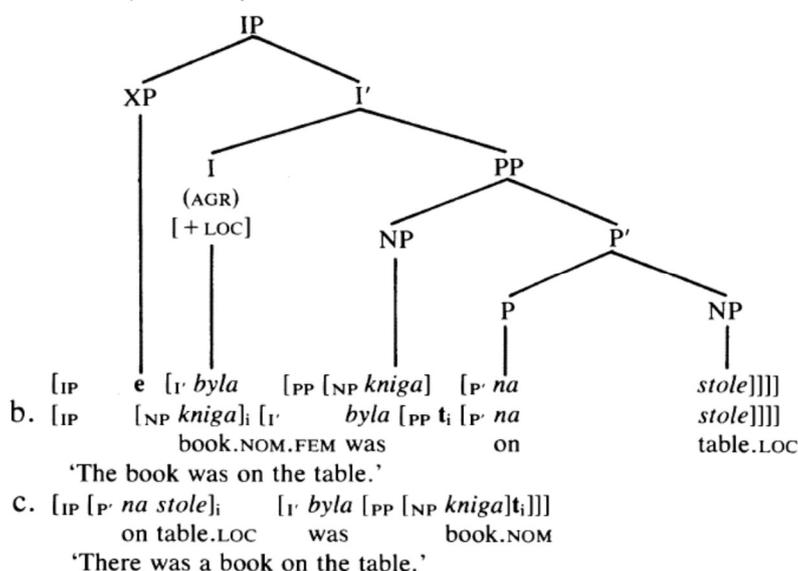
⁶ Por essa razão, Belletti (1988) propõe que o DP de estruturas existenciais recebe o Caso partitivo (disponível morfologicamente para o finlandês), talvez seja esse o Caso em estruturas copulativas com leitura benefactiva, que parece ser o caso em (9b). Essas questões ficarão para outros trabalhos somente.

prestígio que o “haver”. Diante dessas colocações, podemos partir do pressuposto de Benveniste (1976), para quem as existenciais derivam da mesma estrutura subjacente a sentenças copulares.

Assim, Gonçalves (2014), ancorada em Freeze (1992), explicita que as locativas (copulativas) e as existenciais se originariam de uma única estrutura subjacente e que esta se organizaria em torno de um verbo copulativo. Nessa formação, o início da predicação de sentenças existenciais, locativas e copulativas seriam semelhantes. De acordo com a proposta de Freeze, apresentada em (10) abaixo, a preposição, núcleo do sintagma preposicional (PP), faz a mediação da relação de predicação entre o “sujeito” e o seu “predicado”, dentro dessa mesma projeção, PP. Entretanto, há uma diferença na derivação de uma sentença existencial para uma sentença locativa. Essa diferença diz respeito, basicamente, ao fato de haver, nas existenciais, o chamado *Efeito de Definitude* na posição de objeto dessas sentenças que impede que objetos definidos ocupem essa posição, devendo, assim, serem alçado para posições mais altas e, assim, derivarem sentenças locativas. A fim de mostrar esse ponto, Freeze (1992, p. 559) traz dados do russo e mostra que a diferença de uma leitura existencial ou locativa pode ter a ver com a leitura de definitude do sintagma nominal dessas estruturas e, ainda, com a posição tanto do locativo quanto desse sintagma nominal. Vejamos os dados e a estrutura arbórea em (10) abaixo:⁷

(10)

a. SVO (Russian):

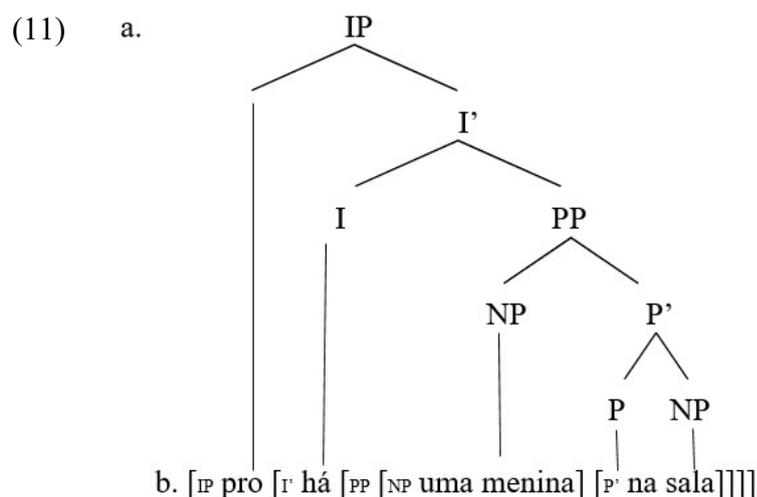


⁷ Apesar de os dados e árvore estarem em inglês, porque retiramos tal qual Freeze os apresenta, acreditamos que o ponto ao qual fazemos referência fica claro.

(cf. FREEZE, 1992, p. 559)

Como vemos a partir de (10) acima, no russo, para derivar uma sentença existencial o sintagma preposicional locativo (*na stole* “na mesa”) é alçado para a posição de sujeito, [Spec, IP], e o sintagma nominal (*kniga* “um livro”) é deixado *in situ* e a ele é atribuída uma leitura indefinida, como mostra (10c). De outra forma, se o sintagma preposicional locativo (*na stole* “na mesa”) permanecer *in situ* e o sintagma nominal (*kniga* “o livro”) for alçado para [Spec, IP], uma leitura definida emerge para o sujeito e teremos uma sentença existencial, como mostra (10b).⁸

Diferentemente do russo, em algumas línguas românicas, podemos observar uma proforma, um clítico locativo *y*, que satisfaz o papel de locativo das sentenças existenciais nessas línguas⁹. No caso do francês, por exemplo, essa partícula se manifesta por meio da forma *il*, recorrente em sentenças existenciais. No PB, esse clítico, proforma, pode ser nulo, diferentemente de uma língua como o francês. Dessa maneira, espelhando a configuração do russo feita por Freeze acima, temos, em (11b), um exemplo do português, que reiteraria essa percepção.



⁸ Observe que a cópula *byla* “ser” fica entre o sintagma preposicional locativo e o sintagma nominal tema.

⁹ Essa proforma locativa, *y*, pode ser encontrada em textos do PA e outras fases do português, como mostram os dados de Costa (2004). Há, ainda, a hipótese de que esse locativo *y* em línguas como o espanhol foi aglutinado ao verbo existencial como na forma flexionada do espanhol *ha-y*, 3ª pessoa do singular do verbo *haber*.

É importante considerar essas partículas locativas, uma vez que, para Lyons (1979), as construções existenciais são inerentemente locativas. Para o autor, dizer que um objeto existe pressupõe complementação com um termo ou expressão locativo ou temporal. Por isso, há, na língua inglesa, por exemplo, a partícula *there* (*there is, there are*) em contextos de existência. Com isso, assumimos que, em (11), o que está em [Spec, IP] seria um locativo pronominal nulo, *pro*, tal como acontece nos dados do russo e de outras línguas de forma interlinguística.

Na esteira desse pensamento, Gonçalves (2014), em documentos do século XIII ao XVI do português, verifica a aparição de um clítico locativo, “hy” (bem como suas variações, “hi” e “y”), em sentenças existenciais com o verbo “haver” (cf. (12)). Logo, havia, no PA, uma realização fonológica do que hoje, no PB, é nulo. A autora classifica esse elemento como um expletivo¹⁰ com Caso e traços- ϕ ¹¹, ou seja, uma categoria quase-argumental (CHOMSKY, 1995). Contrariamente, as construções com o verbo “ser” viriam acompanhadas do clítico “ci”, comum em línguas como o italiano. Essa partícula seria um expletivo puro que se perdeu nesse tipo de estrutura existencial. Desse modo, Gonçalves (2014) afirma que, ao longo do tempo, “ser” teria perdido esse traço locativo – realizado, inclusive, fonologicamente –, o que o teria feito deixar de ser licenciado em sentenças existenciais, sendo representado em (11), como esse elemento nulo localizado em [Spec, IP].

(12) a. E ainda *há hy* outra maior cousa q(eu) os leigos q(eu) [...]

(Alphonse X, Primeyra Partida, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

b. *Avya hi* muytos mouros vezinhos acerca da cidade

(Crônica de D. Afonso, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

(GONÇALVES, 2014, p. 278-279)

Ainda, Avelar e Callou (2000) defendem que, no PB atual,

[...] a presença essa expressão locativa dêitica, sempre presente nas expressões existenciais do português arcaico (Mattos e Silva), não é mais obrigatória, mas é freqüente (sic) a ocorrência de um advérbio ou um sintagma preposicional,

¹⁰ Ou seja, um elemento que não foi exigido semanticamente.

¹¹ Os traços- ϕ correspondem aos traços de pessoa, gênero e número.

V. 11 – 2020.2 –ALBERTIN, Maria Eduarda G. de; SIBALDO, Marcelo A.

indicando tempo ou lugar, ao lado de *ter e haver* [...]. (AVELAR; CALLOU, 2000, p. 88)

Podemos observar os exemplos abaixo, em (13), que concordam com essa observação.

- (13) a. Tinha uma pracinha ali
 b. Houve um esvaziamento no centro da cidade
 c. Aquele congresso que teve lá no Rio Sul

(AVELAR; CALLOU, 2000, p. 88, grifos dos autores)

Como vemos em (13) acima, as sentenças existenciais sempre são acompanhadas de um locativo, seja um sintagma preposicional (cf. [*no centro da cidade*], em (13b)), uma proforma locativa (cf. [*ali*], em (13a), ou ainda os dois (cf. [*lá*] [*no centro da cidade*], em (13c)).

3 Sobre a coleta de dados

A presente pesquisa possui um cunho documental, visto que nossos dados foram coletados de documentos escritos em português, encontrados em Pernambuco, materiais considerados como fontes primárias. Além disso, a fim de verificarmos a variação no uso dos verbos existenciais, utilizamo-nos de uma abordagem quantitativa, caracterizada pela aplicação de ferramentas numéricas e estatísticas ao *corpus*.

Assim, para a realização desse trabalho, nosso *corpus* consistiu em documentos manuscritos, pertencentes ao estado de Pernambuco, disponíveis no banco de dados *online* do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) (disponível em: <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>>). Tais documentos se inserem num recorte temporal do século XVIII ao XX e se dividem nos gêneros cartas oficiais (CO) e cartas particulares (CP). Com relação às CO, o total analisado foi de 99 cartas; por outro lado, analisamos 46 CP. A quantidade de páginas (ou seja, de extensão) dos documentos variavam de 1 a 32 para as CO e de 2 a 20 para as CP.

Para melhor visualizarmos o que foi dito, apresentamos, na Tabela 1, as informações a respeito do *corpus*.

V. 11 – 2020.2 –ALBERTIN, Maria Eduarda G. de; SIBALDO, Marcelo A.

Gênero	Cartas Oficiais	Cartas Particulares	Total
Quantidade de cartas	99	46	145

Tabela 1. Documentos manuscritos do século XVIII ao XX.**Fonte:** os autores.

Como podemos ver na tabela acima, 145 documentos foram analisados. A princípio, procuramos verificar as sentenças existenciais apenas com o verbo “ser”; em seguida, as com “haver”; posteriormente, as estruturas com “ter”, e, por último, as com o verbo “existir”, que tem sentido mais demarcado e prototípico do que os outros. A fim de facilitar a identificação e a análise, nos arquivos, marcamos as construções existenciais com uma cor diferente para cada um dos verbos. É importante comentar que nosso objetivo foi exaurir os documentos manuscritos dos séculos citados, no que diz respeito às sentenças existenciais, de modo que esse exaustivo trabalho sirva, também, para pesquisas futuras e para comparações com outras fases do português.

4. Verbos existenciais do português de Pernambuco: resultados

Durante a análise das CO e CP, pudemos constatar, fortemente, a ausência de sentenças existenciais cujo verbo fosse “ser”. Apesar dessa lacuna, notamos a predominância que o verbo “haver” exerceu nessas construções (cf. Tabela 2), o que nos leva a deduzir que, no século XVIII, período a partir do qual as cartas foram examinadas, o “ser” já havia perdido, pelo menos nos nossos dados, sua hegemonia em relação às estruturas existenciais¹². Constata-se, também, a aparição de “ter”, atual verbo de existência no PB, bem como o “existir”, nas sentenças extraídas dos documentos. Vejamos:

¹² Apesar disso, Gonçalves (2016) argumenta que o verbo “ser” ainda aparece, no PB atual, como existencial, mas sob contextos específicos e algumas restrições sintático-semânticas. Assim, não era o objetivo do nosso trabalho analisar essas restrições.

Verbos	Haver	Existir	Ter	Ser	Total
Quantidade	84	12	3	0	99
Porcentagem	85%	12%	3%	–	100%

Tabela 2. Ocorrências de “haver”, “existir”, “ter” e “ser” em sentenças existenciais.

Fonte: os autores.

Como podemos verificar na tabela acima, o verbo “haver”, como era de se esperar, destaca-se com 85% de aparição enquanto verbo existencial. Nesse momento, possivelmente, o “ser” já estaria perdendo sua possibilidade de subcategorizar sintagma preposicional com um locativo, nos moldes apresentados acima para a acepção existencial e, por isso, não era utilizado com tanta frequência quanto anteriormente costumava ser. Dessa forma, construções com “haver” foram encontradas em quase todos os documentos, com exceção de 4 cartas, sendo estas de pouca extensão, já que possuíam 2 ou 20 páginas e poucas linhas. É importante pontuar que, para Mattos e Silva (1997), a preferência desses documentos pelo verbo “haver”, em detrimento do existencial etimológico “ser”, indicaria um caráter mais inovador da documentação em questão. Em (14), é possível observar alguns exemplos dos dados coletados com o verbo “haver”:

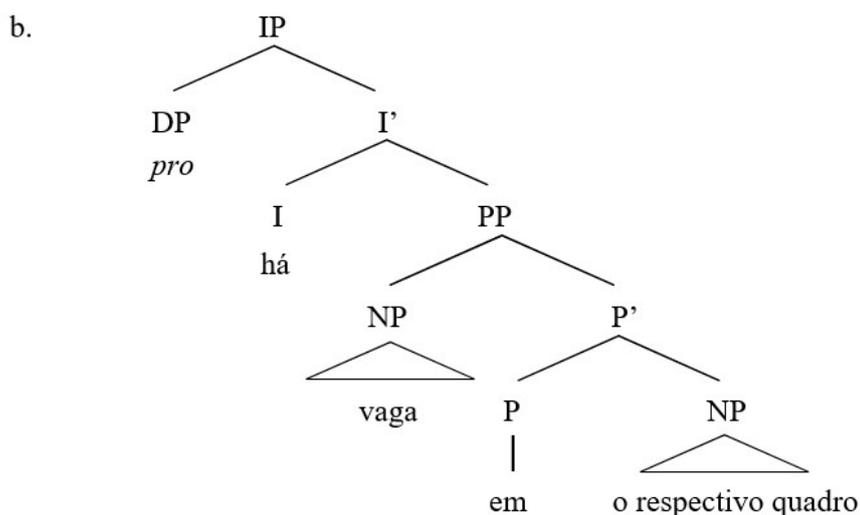
- (14) a. [...] senadita cidade | deolinda ou Recife **ha** alguma escola deRe | legião. (Carta Oficial, séc. XVIII)
- b. [...] na qual **ha** hum Reducto de terra [...] (Carta Oficial, séc. XVIII)
- c. [...] **há** vaga no respectivo quadro [...] (Carta Oficial, séc. XIX)
- d. Caso **haja** lugar para minha Mãe no automovel [...] (Carta Particular, séc. XX)
- e. [...] **há** varias gravuras do Lula no seu livro. (Carta Particular, séc. XX)

É substancial notar que, nas sentenças acima, prevalece a indefinitude do complemento que sucede o verbo *haver* enquanto existencial, corroborando a ideia de que a posição de coda desses verbos parece ser regida pelo Efeito de Definitude. Em (14b), por exemplo, vemos o DP “hum Reducto”, em que há a presença do artigo indefinido, acreditamos que, assim como no

PB contemporâneo, uma estrutura como “*ha o Reducto de terra”, nesse contexto, seria agramatical; ou, ainda, a estrutura em (14d) também nos leva a pressupor que qualquer lugar no automóvel seria suficiente para acomodar a mãe de quem escreveu a carta, tornando, então, “*caso haja o lugar para minha Mãe” agramatical, por exemplo. Assim, em todas as sentenças em (14), a posição de objeto do verbo existencial parece ter a atuação do Efeito de Definitude e, assim, faz com sintagmas nominais definidos não possam estar naquela posição.

Abaixo, em (15b), podemos verificar a configuração de outra sentença como as expostas acima.

(15) a. [...] **há** vaga no respectivo quadro [...] (Carta Oficial, séc. XIX)



Conforme discutido anteriormente, vemos, em (15b), o verbo *haver* selecionando um sintagma preposicional, cujo núcleo estabelece a relação de predicação entre “vaga” e “o respectivo quadro”, como na proposta de Freeze (1992) (e capturado na ideia seminal de BENVENISTE, 1976). Um *pro* nulo na posição de sujeito, [Spec, IP], satisfaz o princípio das línguas naturais de que toda sentença deve ter um sujeito preenchido, mesmo que esse seja foneticamente não realizado.

No que diz respeito ao existencial “ter”, deparamo-nos com 3 dados em que o respectivo verbo aparecia como existencial. Dois desses dados apareceram em CO da segunda metade do século XVIII (cf. (16a)). Para além disso, observamos uma terceira ocorrência numa CP do século XX (16c), o que evidencia a inovação do verbo como existencial no português,

porquanto só reapareceu, nesse contexto, em documentos do século XX – talvez ganhando força a partir desse período. Além disso, destaca-se que as CP são documentos mais informais, distintamente das CO. Vejamos, em (16), esses dados e, mais uma vez, gostaríamos de pontuar a presença do Efeito de Definitude agindo nessas sentenças:

- (16) a. [...] que ficaõ em *ter* nos Armazens de | S. Mage., dezoito mil, novecentos equarenta e oito quin = | taes emeyo [...] (Carta Oficial, séc. XVIII)
- b. *Tem* uns pequenos erros de inter- | pretação [...] (Carta Particular, séc. XX)

Além da presença do *ter* existencial, mostrado acima, sabemos de seu uso enquanto verbo possessivo (o João *tem* um carro novo) e auxiliar (o João *tem* comprado carros novos). A questão das outras acepções acerca do verbo *Ter* será tratada em outros trabalhos somente, mas é importante vermos a possibilidade de termos outros sentidos não só para este verbo, mas também para *Haver*, que também pode ser utilizado como verbo auxiliar (o João *havia* comprado carros novos).

Além das presenças dos verbos “haver” e “ter” e da falta de aparições de “ser”, verifica-se que o verbo “existir” constitui 12% dos dados de sentenças existenciais. “Existir” apareceu em um documento de todos os séculos analisados (de XVIII a XX), situação que demonstraria seu aspecto prototípico para expressar existência em sentenças desse cunho, apesar de seu pouco uso. Para corroborar o que foi dito, em (17), mostramos algumas dessas construções encontradas no nosso *corpus*:

- (17) a. [...] quando *existio* | em poder dos ditos Aliados contrários [...] (Carta Oficial, séc. XVIII)
- b. [...] não *existe* vaga no res- | pectivo quadro. (Carta Oficial, séc. XIX)
- c. ele me disse que de facto *existia* | este lugar. (Carta Particular, séc. XX)

Como podemos ver acima, também encontramos, como era de se esperar, o verbo *existir*, no nosso *corpus*. Entretanto, o uso foi considerado baixo se compararmos com os outros verbos encontrados, principalmente, o verbo *haver* que, prototipicamente, é considerado, nos nossos dados, o verbo existencial. Apesar disso, sabemos que *Haver* no PB contemporâneo é

relegado a contextos formais e de escrita, sendo o verbo *Ter* o verbo existencial prototípico, conforme mostram algumas pesquisas que comparam o *Ter* e o *Haver*, principalmente em contextos de fala e escrita e, ainda, de contextos formais e informais (AVELAR; CALLOU, 2000, VITÓRIO, 2013, entre outros).

Considerações finais

A partir das discussões e dos dados analisados, pudemos verificar semelhanças na estrutura sintática subjacente das sentenças com o verbo existencial *ser* e dos outros verbos existenciais, tendo em vista, especialmente, que, em ambos os casos, percebemos traços locativos ao longo da história do português. Desse modo, por meio de dados coletados do português de Pernambuco, observamos, um pouco mais, a predominância que o verbo *haver* exerceu em construções existenciais, especialmente a partir do século XVIII, bem como aparições iniciais do verbo *ter* nesse contexto. Além disso, constatamos que, já no século XVIII, com o crescimento de *haver*, o *ser* já não exibia mais seu *status* de verbo típico em estruturas que expressam existência, ocorrendo, majoritariamente, como verbo cópula, auxiliar e em outras de suas funções.

Ademais, este trabalho enfatiza a importância de estudos que contemplem as sentenças existenciais, uma vez que são pouco estudadas descritiva e teoricamente, havendo poucas pesquisas sobre a temática, principalmente, quando se fala em estudos diacrônicos. Assim, defendemos, também, a substancialidade de que haja pesquisas que deem conta de fenômenos sintáticos da história do português, uma vez que, no caso das construções existenciais, há outros aspectos morfossintáticos – como a predicação, por exemplo – para se explorar, além de muitos outros que, por conta do pouco espaço aqui, deixaremos para explorá-los em trabalhos futuros somente.

REFERÊNCIAS

AVELAR, J de O. *Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar em Português Brasileiro*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004. 256f.

V. 11 – 2020.2 –ALBERTIN, Maria Eduarda G. de; SIBALDO, Marcelo A.

AVELAR, J. de O.; CALLOU, D. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, Niterói, RJ, n. 9, p. 85-100, 2. sem. 2000.

BELLETTI, A. The Case of Unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, 19, 1988, p. 1-34.

BENVENISTE, É. “Ser” e “Ter” nas suas Funções Linguísticas. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 204-227.

CHOMSKY, N. *The minimalista program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

COSTA, S. B. B. Espaço e tempo em advérbios portugueses quinhentistas. In: COSTA, S. B. B.; MACHADO FILHO, A. V. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2004. p.47-66.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas. Campinas: Unicamp, 1996.

FREEZE, Ray. Existentials and Other Locatives. *Language*, v. 68, n. 3, 1992, p. 553-595.

GONÇALVES, E. Substituição de ser por haver nas construções existenciais do português: um estudo diacrônico. *Revista da ABRALIN*, v. 13, n. 1, p. 257-299, jan.-jun. 2014.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

MATTOS E SILVA, R. V. A variação ‘haver/ter’. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 93-181.

MATTOS E SILVA, R. V. Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 19, p. 253-286, mar. 1997.

VITÓRIO, E. G. As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2013.

SIBALDO, M.; CORREIA, I. S. O uso dos verbos existenciais nos séculos XVIII, XIX e XX: variação no português pernambucano. *Revista Línguas & Letras*, Paraná, v. 15, n. 31, p. 1-16, 2014.

Recebido em: 20 de maio de 2020.

Aprovado em: 28 de outubro de 2020.